

ALFABETIZAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: NARRATIVAS DOCENTES QUE NÃO PODEM SER ESQUECIDAS

Ewerton Dantas de Sousa -
Doutorando em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – PE
Roberta Varginha Ramos Caiado – Orientadora – Doutora – Universidade Católica de Pernambuco - PE
Contato: ewertondantasdesousa@gmail.com, roberta.caiado@unicap.br

RESUMO DO TRABALHO

A pandemia de SARS-CoV-2, estabeleceu-se entre 2020 e 2023, com o advento de um vírus que rapidamente se espalhou pelo planeta, contaminando e subtraindo vidas e pressionando a sociedade a tomar medidas de restrição e distanciamento social. Neste cenário, escolas foram obrigadas a interromper suas atividades por um longo período, comprometendo o ensino e a aprendizagem. Sem perspectivas de retorno às atividades presenciais, os sistemas de ensino do País implementaram o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na cidade de Caucaia o acontecimento acarretou desafios para as professoras alfabetizadoras, sobretudo, na própria maneira de ensinar. Diante do cenário, discute-se em razão das adversidades do ensino remoto, na realidade pandêmica, existiram práticas alfabetizadoras de ensino que favoreceram a aprendizagem? O estudo investigou o ERE e as práticas alfabetizadoras nas turmas do ciclo de alfabetização 1o e 2o anos, da rede pública municipal de Caucaia (CE) entre 2020-2021, em dois eixos: organização do trabalho pedagógico e reflexões sobre os procedimentos remotos de alfabetização. Recobramos, com suporte nas narrativas das professoras, práticas relacionadas à alfabetização e discutimos em grupos focais, a organização pedagógica e a alfabetização. Metodologicamente, realizou-se investigação qualitativa, de análise descritiva. As narrativas revelaram um cenário desafiador, acentuado pelo despreparo na implementação do ERE. Os diálogos expressam a postura das professoras alfabetizadoras, que enfrentando seus medos, adaptando, reinventando e traçando novas práticas de ensino, foram determinantes para alcançar seus alunos.

Palavras-chave: Alfabetização, Ensino Remoto Emergencial, Pandemia.

➤ INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 impactou de forma substancial os sistemas educativos em todo o mundo com as medidas emergenciais para que o vírus fosse evitado. Uma alternativa ao distanciamento social foi o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que possibilitou a continuidade das atividades escolares com a utilização dos meios virtuais. Contudo, algumas dificuldades foram ressaltadas no período, sobretudo quanto à forma apressada com a qual as medidas se desenvolveram e a imposição da utilização de recursos digitais, aos professores, sem a devida instrumentalização e treinamento destes (Veloso *et al.*, 2022; Sousa, 2024). Assim, questionamos, em razão das adversidades do ensino remoto, na realidade pandêmica, existiram práticas alfabetizadoras de ensino que favoreceram a aprendizagem?

➤ METODOLOGIA

A presente pesquisa define-se por qualitativa e se utilizou de um grupo focal (Gatti, 2005) para a investigação sobre a forma como seis professoras da zona rural e urbana de Caucaia (CE) deram continuidade às práticas de alfabetização e letramento no 1º e 2º anos entre 2020 e 2021. A pesquisa de mestrado, originalmente, desenvolvida junto à Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) (Sousa, 2024), fundou-se nas narrativas dessas professoras, dando visibilidade às narrativas sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no período.

As professoras participantes foram identificadas no trabalho com os códigos “P” e a respectiva ordem na qual aparecem, dentre “P1” a “P6”, visando a proteção de suas identidades. A partir das falas das docentes, foram estabelecidas as seguintes categorias: i) a implementação do ERE; ii) gestão escolar/ equipamentos tecnológicos; iii) organização didático-pedagógica; iv) práticas de Linguagem; v) ensino híbrido; e vi) reflexões sobre ser professor em tempos de pandemia. O encontro se desenvolveu ao longo de quatro horas e versou sobre as dificuldades enfrentadas em relação à alfabetização no ERE, bem como às relações estabelecidas com as famílias, responsáveis pela mediação entre os conhecimentos, professores e os próprios estudantes.

➤ DESENVOLVIMENTO

Iniciamos destacando as considerações de Soares (2003) sobre a alfabetização e o letramento sendo ambos, processos que devem ocorrer em simultâneo, mas que são interdependentes. A alfabetização permite a interpretação dos elementos escritos e o letramento possibilita a contextualização destes às realidades dos sujeitos. Nos Anos Iniciais o ensino da língua materna envolve um contato efetivo de mediação docente, o que, no período pandêmico, tornou-se um desafio.

Uma das maiores dificuldades foi a adaptação forçada desses processos de ensino e aprendizagem e, em simultâneo, a responsabilização das famílias pela mediação, sem, contudo, uma preparação prévia (Velo *et al.*, 2022; Sousa, 2024). Outro fenômeno promovido pela pandemia de Covid-19 foi o alargamento das desigualdades sociais, causando a exclusão daqueles que não possuem acesso à *internet* ou aos dispositivos para o seu uso. “Ao se instituir o ensino remoto como alternativa para continuidade dos processos educativos, as redes e sistemas de ensino adotaram diferentes estratégias, nem sempre acessíveis a todas as crianças e suas famílias, o que também afetou os vínculos e parcerias escola-família” (Velo *et al.*, 2022, p. 49-50).

Inicialmente as professoras ressaltam a surpresa na suspensão das atividades presenciais, acreditando, *à priori*, que o retorno se daria em breve. A implementação das diretrizes sobre o ERE foram impostas sem uma consulta prévia aos professores e famílias, e a falta de acesso foi uma dificuldade que impossibilitou a participação de muitos estudantes: “P4: Não foram consultadas [as famílias e escolas], não existia outra possibilidade diante do momento. O nosso problema era a falta de antena para acesso à internet, só tinha internet via Wi-Fi em algumas casas”. Apesar de reconhecer a necessidade do distanciamento, P4 ressalta que fatores básicos como esse acesso, não foram problematizados.

A comunicação se deu, em grande maioria, por grupos criados no *Whatsapp*. Em alguns casos, esse diálogo *online* já existia. Em outros, foi necessária a criação apressada, junto à coleta dos contatos dos estudantes e suas famílias com a secretaria da escola. Contudo, os alunos que não dispunham de *smartphone*, deveriam buscar as atividades em formato impresso nas escolas. *“P1: A gestão da escola formou os grupos no WhatsApp, os alunos que não tinham celular iriam buscar as atividades impressas na escola”*. Esse quadro se intensificou nas escolas rurais com a exclusão digital e a baixa escolaridade dos pais e responsáveis.

Em vista disso, alguns conflitos foram relatados, como a falta de tempo dos pais para o auxílio às crianças, ou mesmo, de conhecimentos para essa mediação. Outrossim, as atividades domésticas e de trabalho dos docentes se intensificaram, com contatos após às 22h, ou críticas em relação aos vídeos gravados para a explicação das atividades, pelas famílias: *“P1: Tive uns conflitos interessantes, muitos deles relacionados a quantidade de atividades, os pais reclamavam que eu mandava muitas videoaulas, áudios e textos. Na verdade, fazia isso para explicar detalhamento da atividade e ajudar o aluno a compreender”*.

A sobrecarga no trabalho foi uma das principais queixas no período. Os docentes, além de ensinar, precisaram aprender a realizar gravações e edições de vídeos, utilização de plataformas digitais, editores de texto, dentre outros recursos, custeando e buscando a aprendizagem dessa utilização de forma isolada. Sobre o contato com as famílias, em alguns casos, este foi estreitado. Em outros, sobretudo quando as famílias já se faziam distantes no modelo presencial, alargaram-se ainda mais (Veloso *et al.*, 2022).

Em relação à continuidade do processo de alfabetização, há diferentes situações. As famílias que possuíam recursos tecnológicos e financeiros para o acesso e custeio de professores de reforço, por exemplo, possibilitaram uma facilidade maior. Em contrapartida, aquelas famílias que não dispunham de tempo e desses recursos, encontraram maiores dificuldades: *“P3: Muitas mães chegavam do trabalho, cansadas e se sentavam com os filhos para tentar ensinar. Muitas me ligavam fora do horário e eu atendia, pois sabia do compromisso da mãe e dos horários que ela tinha para ajudar”*.

Houve um esforço para que as professoras se fizessem presentes, mesmo no distanciamento. Apesar disso, a presença dos recursos tecnológicos e do apoio das famílias foi fundamental, mas nem sempre esteve presente. Muitos foram os questionamentos sobre a forma como essa relação deveria se estabelecer e os conflitos se alastraram. Em muitos casos, inclusive, essas professoras se deslocaram para as residências dos estudantes e/ou os receberam em suas próprias casas para a distribuição das atividades. As fronteiras entre o trabalho e a vida doméstica, então, se tornaram confusas e mais estreitas. Além disso, ainda havia a ansiedade pelo medo do vírus que se alastrava com a ampla contaminação (Tassioni; Osti, 2022).

Como consequência, pesquisas como as de Tassioni e Osti (2022) e Veloso *et al.* (2022) destacam a intensificação desses desafios, a partir do adoecimento, principalmente quanto às questões mentais. Assim, foram muitos os relatos sobre a insatisfação acerca da forma como as práticas educativas se estruturaram no período, uma vez que a ausência administrativa das escolas e das próprias políticas emanadas

pelos órgãos Municipais, Estaduais e Federais fez com que as professoras tivessem se que responsabilizar pela organização do processo pedagógico. Isso se deu em meio aos poucos conhecimentos sobre a gestão dos recursos tecnológicos e a busca de novas metodologias de ensino e aprendizagem.

➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos nossa argumentação expressando o quão desafiadora foi a pandemia de Covid-19 em diferentes âmbitos: social, econômico, emocional e educacional. No caso da alfabetização, etapa tão importante para o desenvolvimento dos sujeitos, não foi diferente. As professoras que participaram de nosso grupo focal relataram diferentes desafios que foram desde a falta de orientações e recursos tecnológicos, até os conflitos travados com as próprias famílias dos estudantes, responsáveis por manter a mediação entre a escola e o espaço doméstico.

Ressaltamos que a desigualdade de classe se intensificou no período, fazendo com que as famílias que dispunham de maiores recursos financeiros pudessem disponibilizar um ensino de maior qualidade, enquanto que as comunidades rurais, com baixo acesso tecnológico e proximidade com as escolas, acabaram sofrendo mais com as medidas desenvolvidas durante o ERE. Notadamente a alfabetização se tornou prejudicada, trazendo à tona medidas de nivelamento e recuperação da aprendizagem no retorno presencial. Contudo, salientamos a coragem e a disponibilidade para o aprendizado e diálogo demonstrado por essas professoras que, mesmo diante tantas dificuldades, permaneceram atuando com coragem e sabedoria.

➤ REFERÊNCIAS

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**, 9(52). 2003.

SOUSA, E. D. de. **Alfabetização em tempos de pandemia**: ensino remoto e práticas de ensino exitosas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Fortaleza, CE, 2024.

TASSONI, E. C. M.; OSTI, A. O que podemos aprender com a pandemia? reflexões sobre a alfabetização e a prática docente de professoras paulistas. *In.*: MACEDO, M. S. A. **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: resultados de uma pesquisa em rede. São Paulo, SP: Parábola, 2022.

VELOSO, G. M. *et al.* Ensino remoto emergencial em Minas Gerais: novas configurações na relação família-escola? *In.*: MACEDO, M. S. A. **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: resultados de uma pesquisa em rede. São Paulo, SP: Parábola, 2022.